

Avanços e Desafios da Nutrição no Brasil

Alexandre Rodrigues Lobo
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2018

Alexandre Rodrigues Lobo
(Organizador)

Avanços e Desafios da Nutrição no Brasil

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A946 Avanços e desafios da nutrição no Brasil [recurso eletrônico] /
Organizador Alexandre Rodrigues Lobo. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Avanços e Desafios da Nutrição no
Brasil; v. 1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-93-2
DOI 10.22533/at.ed.932180212

1. Nutrição – Brasil. I. Lobo, Alexandre Rodrigues.

CDD 613.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A nutrição é uma ciência relativamente nova, mas a magnitude de sua importância se traduz na amplitude de áreas com as quais dialoga. No âmbito das ciências básicas, desde longínquos tempos, atribui-se o reflexo de sintomas provocados por deficiências nutricionais à diminuição no consumo de determinados alimentos. A integração da nutrição com outras disciplinas do campo das ciências da saúde proporcionou o entendimento dos processos fisiopatológicos e a identificação de marcadores bioquímicos envolvidos no diagnóstico das diferentes doenças carenciais. Mais recentemente, os avanços tecnológicos permitiram a elucidação dos complexos mecanismos moleculares ligados às diversas doenças crônicas, condição que elevou a nutrição a um novo patamar. Esses avanços também contribuíram para a identificação cada vez mais refinada de componentes dos alimentos com potencial bioativo e impactou diretamente o desenvolvimento de produtos alimentares.

Aliado ao conhecimento dos efeitos biológicos individuais dos diversos componentes dos alimentos, cabe salientar a importância de uma visão integral do alimento, tanto do ponto de vista químico, se considerarmos, por exemplo, a influência do processamento sobre a bioacessibilidade desses componentes nas diferentes matrizes, mas também sob o aspecto humanístico do alimento, em toda a sua complexidade, considerando diferentes níveis, como o cultural, social, ideológico, religioso, etc. Merecem destaque, também, os avanços políticos traduzidos pela institucionalização das leis de segurança alimentar e nutricional e a consolidação do direito humano à alimentação adequada, que trouxeram perspectivas sociais e econômicas para o campo da saúde coletiva no país.

A presente obra *Avanços e Desafios da Nutrição no Brasil* publicada no formato e-book, traduz, em certa medida, este olhar multidisciplinar e intersetorial da nutrição. Foram 34 artigos submetidos de diferentes áreas de atuação, provenientes de instituições representativas das várias regiões do país: alimentação coletiva, ensino em nutrição, nutrição e atividade física, nutrição clínica, saúde coletiva, tecnologia, análise e composição de alimentos e produtos alimentares. Assim, o livro se constitui em uma interessante ferramenta para que o leitor, seja ele um profissional, estudante ou apenas um interessado pelo campo das ciências da nutrição, tenha acesso a um panorama do que tem sido construído na área em nosso país.

Alexandre Rodrigues Lobo

SUMÁRIO

ALIMENTAÇÃO COLETIVA

CAPÍTULO 1 1

APP RÓTULO SAUDÁVEL: PROMOVEDO ESCOLHAS ALIMENTARES ADEQUADAS

Sonia Maria Fernandes da Costa Souza

Dayse Kelly Moreira de Araújo

Gabriel Alves Vasiljevic Mendes

DOI 10.22533/at.ed.9321802121

CAPÍTULO 2 11

ATITUDES DE COMENSAIS QUE CONFIGURAM RISCO DE CONTAMINAÇÃO AOS ALIMENTOS EM UMA UNIDADE DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO.

Tatiana Evangelista da Silva Rocha

Afra Rodrigues Costa

Ludmilla Moreira

Sandra Maria Rosa de Aguiar

DOI 10.22533/at.ed.9321802122

CAPÍTULO 3 15

AValiação DA CADEIA FRIA DE LATICÍNIOS EM UM SUPERMERCADO DE FORTALEZA-CEARÁ.

Verlaine Suênia Silva de Sousa

Rafaella Maria Monteiro Sampaio

Fernando César Rodrigues Brito

Ana Luíza de Rezende Ferreira Mendes

Anne Rhadassa de Sousa Viana

Marta da Rocha Moreira

DOI 10.22533/at.ed.9321802123

CAPÍTULO 4 24

AValiação DA TEMPERATURA DE REFEIÇÕES TRANSPORTADAS PARA PACIENTES EM UM HOSPITAL PÚBLICO NA CIDADE DE FORTALEZA-CE

Verlaine Suênia Silva de Sousa

Isabella Costa Pereira

Iramaia Bruno Silva

Fernando César Rodrigues Brito

Ana Luíza de Rezende Ferreira Mendes

Geam Carles Mendes dos Santos

Marta da Rocha Moreira

DOI 10.22533/at.ed.9321802124

CAPÍTULO 5 31

AValiação DAS CONDIÇÕES HIGIÊNICO SANITÁRIAS EM UMA PADARIA NA CIDADE DE VIÇOSA-MG

Bianca Franzoni da Silva

Guadalupe Arroyo Mariano

Cristiane Sampaio Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.9321802125

CAPÍTULO 6 37

AValiação QUALITATIVA DE OPÇÕES DE CARDÁPIO DE ESCOLAS ESTADUAIS DE MATO

GROSSO

Gabriella de Musis Macedo Martins

Bárbara Grassi Prado

DOI 10.22533/at.ed.9321802126

CAPÍTULO 7 48

IMPACTO DO TREINAMENTO DE MANIPULADORES DE ALIMENTOS SOBRE AS CONDIÇÕES AMBIENTAIS, PESSOAIS E MICROBIOLÓGICAS EM UM SETOR DE SALGADOS DE UM BUFFET DE BELO HORIZONTE

Mariana Moreira de Jesus

Stefani Rocha Medeiro

Stephanie Fernanda Martins da Silva

Gisele Campos da Silva

Elen Raiane Andrade Gomes

Carolina Gonçalves Hubner

Sabrina Alves Ramos

DOI 10.22533/at.ed.9321802127

CAPÍTULO 8 59

LETRAMENTO FUNCIONAL EM SAÚDE DE MANIPULADORES DE ALIMENTOS DE UNIDADE DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO DE HOTEL

Anna Carolina Sampaio Leonardo

Marília Cavalcante Araújo

Clarice Maria Araújo Chagas Vergara

Quezia Damaris Jones Severino Vasconcelos

George Lacerda de Souza

Wilma Stella Giffoni Vieira Baroni

DOI 10.22533/at.ed.9321802128

CAPÍTULO 9 67

SEGURANÇA NO TRABALHO: ACIDENTES E USO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL EM RESTAURANTES COMERCIAIS

Marta da Rocha Moreira

Gildycélia Inácio de Souza

Rafaella Maria Monteiro Sampaio

Ana Luíza de Rezende Ferreira Mendes

Verlaine Suênia Silva de Sousa

Fernando César Rodrigues Brito

DOI 10.22533/at.ed.9321802129

ENSINO EM NUTRIÇÃO

CAPÍTULO 10 81

CIÊNCIA E EMPREENDEDORISMO: INOVAÇÃO NO ENSINO DE NUTRIÇÃO PELO ESTÍMULO A PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE NOVOS PRODUTOS

William César Bento Régis

Michelle Rosa Andrade Alves

DOI 10.22533/at.ed.93218021210

CAPÍTULO 11 85

EMPREENDEDORISMO E MARKETING EM NUTRIÇÃO: COMO PROPOR E DESENVOLVER UMA IDEIA DE VALOR AO CLIENTE? EXPERIÊNCIAS DOCENTES E AÇÕES DISCENTES

Dinara Leslye Macedo e Silva Calazans

Jessicley Ferreira de Freitas

Grazielle Louise Ribeiro de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.93218021211

CAPÍTULO 12 101

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS
PROFISSIONAIS DO NUTRICIONISTA

Carla Rosane Paz Arruda Teo

Fátima Ferretti

Janaina Strapazon

DOI 10.22533/at.ed.93218021212

CAPÍTULO 13 117

MEMÓRIAS AFETIVAS REFERENTES À ALIMENTAÇÃO: VALORIZANDO A SOBERANIA
ALIMENTAR E AS DISCIPLINAS SOCIAIS NO CURSO DE NUTRIÇÃO

Ana Carmem de Oliveira Lima

Rayanne Silva Vieira Lima

Benigna Soares Lessa Neta

DOI 10.22533/at.ed.93218021213

NUTRIÇÃO E ATIVIDADE FÍSICA

CAPÍTULO 14 122

COMPARAÇÃO DAS PERCEPÇÕES DO TREINAMENTO ENTRE TREINADORES E ATLETAS
JUVENIS FEMININAS DE VÔLEI DE PRAIA

Helenton Cristhian Barrena

Monique Cristine de Oliveira

Nayara Malheiros Caruzzo

DOI 10.22533/at.ed.93218021214

CAPÍTULO 15 133

EFEITO DA SUPLEMENTAÇÃO AGUDA COM PRÉ-TREINO EM ATLETAS DE FUTEBOL DE SALÃO

Lucas Nascimento

Vinicius Muller Reis Weber

Júlio Cesar Lacerda Martins

Flavia Angela Servat Martins

Marcelo Eduardo Almeida Martins

Luiz Augusto da Silva

DOI 10.22533/at.ed.93218021215

CAPÍTULO 16 139

PREVALÊNCIA E PROVÁVEL ASSOCIAÇÃO ENTRE DISFONIA E NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA EM
PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO

Daiane Soares de Almeida Ciquinato

Caroline Luiz Meneses-Barriviera

Luciana Lozza de Moraes Marchiori

DOI 10.22533/at.ed.93218021216

NUTRIÇÃO CLÍNICA

CAPÍTULO 17 149

A EXPERIÊNCIA EM VIVENCIAR A ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR PARA PACIENTES
PORTADORES DE DIABETES MELLITUS ACOMPANHADOS NA ATENÇÃO BÁSICA

Ana Carolina Lopes Ferreira

Luiz Henrique Mota Orives Graciela
Cardoso Gil Pauli
DOI 10.22533/at.ed.93218021217

CAPÍTULO 18 159

ASSOCIAÇÃO ENTRE FATORES DE RISCO E RELAÇÃO CINTURA E ESTATURA EM PACIENTES COM SÍNDROME METABÓLICA

Macksuelle Regina Angst Guedes
Camilla Caroline Machado
Thais Jéssica Reis Förster
Fabiola Lacerda Pires Soares
Flávia Andréia Marin

DOI 10.22533/at.ed.93218021218

CAPÍTULO 19 170

ATITUDES ALIMENTARES DE HOMENS E MULHERES COM TRANSTORNOS ALIMENTARES

Carolina Haddad Cunha
Alessandra Úbida Braga Fernandes
Lívia Dayane Sousa Azevedo
Rosane Pilot Pessa
Marina Garcia Manochio-Pina

DOI 10.22533/at.ed.93218021219

CAPÍTULO 20 181

AVALIAÇÃO DA ADEQUAÇÃO DA OFERTA ENERGÉTICO PROTEICA EM PACIENTES INTERNADOS E SUBMETIDOS AO SUPORTE NUTRICIONAL ENTERAL EXCLUSIVO

Maria Fernanda Larcher de Almeida
Angélica Nakamura
Jane de Carlos Santana Capelli

DOI 10.22533/at.ed.93218021220

CAPÍTULO 21 193

AVALIAÇÃO DO ATENDIMENTO NUTRICIONAL DA CLÍNICA-ESCOLA DE NUTRIÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

Ana Carolina de Oliveira
Erika Blamires Santos Porto
Lorrany Santos Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.93218021221

CAPÍTULO 22 212

AVALIAÇÃO DO CONSUMO ALIMENTAR, HÁBITOS DE VIDA E PERFIL ANTROPOMÉTRICO DE PACIENTES ONCOLÓGICOS DO SUDOESTE DO PARANÁ

Mirian Cozer
Lirane Elize Defante Ferreto de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.93218021222

CAPÍTULO 23 229

AVALIAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL E DA PREVALÊNCIA DE DESNUTRIÇÃO EM PACIENTES CRÍTICOS INTERNADOS EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Mirian Cozer
Marciele Estela Fachinello
Mirian Carla Bortolamedi Silva
Paulo Cezar Nunes Fortes

DOI 10.22533/at.ed.93218021223

CAPÍTULO 24 239

CORRELAÇÃO ENTRE ESTADO NUTRICIONAL E DISTÚRBIOS PSÍQUICOS MENORES EM PESSOAS VIVENDO COM HIV

Adriana de Sousa Duarte
Luciana Fidalgo Ramos Nogueira
Ananda Laís Felix Garrido
Pollyanna Pellegrino
Elaine Cristina Marqueze

DOI 10.22533/at.ed.93218021224

CAPÍTULO 25 252

EFEITO DO CONSUMO DA FARINHA DE TAMARINDO SOBRE PERFIL LIPÍDICO DE HOMENS COM DIABETES DO TIPO 2 E SÍNDROME METABÓLICA

Diego Bastos do Nascimento Martins
Clarice Maria Araújo Chagas Vergara
Maria Rosimar Teixeira Matos
Helena Alves de Carvalho Sampaio
Tatiana Uchôa Passos
Antônio Augusto Ferreira Carioca
Nedio Jair Wurlitzer
Larissa Cavalcanti Vieira

DOI 10.22533/at.ed.93218021225

CAPÍTULO 26 260

ESTADO NUTRICIONAL E ADEQUAÇÃO DA INGESTÃO PROTEICA, DE PACIENTES COM NEOPLASIA EM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO NO MUNICÍPIO DE MACAÉ-RJ.

Ana Clara Caldas Cordeiro da Silva
Roberta Melquiades Silva de Andrade
Celia Cristina Diogo Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.93218021226

CAPÍTULO 27 277

FATORES SÓCIO-DEMOGRÁFICOS E DE APTIDÃO FÍSICA RELACIONADOS A SARCOPENIA DE ADULTOS TRIADOS CLINICAMENTE PARA PROGRAMA DE MUDANÇA DE ESTILO DE VIDA.

Salete T. Coelho
Rodrigo Minoru Manda
Mariana Santoro
Roberto C. Burini

DOI 10.22533/at.ed.93218021227

CAPÍTULO 28 281

MÉTODOS PARA O DIAGNÓSTICO DA LIPODISTROFIA EM PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS.

André Pereira dos Santos
Thiago Cândido Alves
Pedro Pugliesi Abdalla
Vitor Antônio Assis Alves Siqueira
Anderson Marliere Navarro
Dalmo Roberto Lopes Machado

DOI 10.22533/at.ed.93218021228

CAPÍTULO 29 296

PERFIL NUTRICIONAL E GRAVIDADE DA MIGRÂNEA EM PACIENTES ATENDIDOS EM UM AMBULATÓRIO DA DOR

Márcia Magalhães

Bruna Silva Araújo
Eliéde Cardeal Braga
Priscila Oliveira Abreu
Rafael Arcanjo Tavares Filho
Taylane dos Santos Uzeda

DOI 10.22533/at.ed.93218021229

CAPÍTULO 30 312

PROTOCOLO DE ASSISTÊNCIA AMBULATORIAL ESPECIALIZADA AO INDIVÍDUO OBESO

Fernanda Bezerra Queiroz Farias
Cássia Regina de Aguiar Nery Luz

DOI 10.22533/at.ed.93218021230

CAPÍTULO 31 321

RELAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL E FORÇA DE PREENSÃO MANUAL DE PACIENTES SUBMETIDOS À HEMODIÁLISE.

Andreia de Jesus Ferreira Barros
Ana Karina Teixeira da Cunha França
Nayrana Soares do Carmo Reis
Raimunda Sheyla Carneiro Dias
Gilvan Campos Sampaio
Elane Viana Hortegal

DOI 10.22533/at.ed.93218021231

CAPÍTULO 32 335

RESULTADO E COMPARAÇÃO DE DIFERENTES FERRAMENTAS DE AVALIAÇÃO NUTRICIONAL EM PACIENTES HOSPITALIZADOS NA CIDADE DE FORTALEZA-CE.

Verlaine Suênia Silva de Sousa
Jadas Reis Filho
Ana Luíza de Rezende Ferreira Mendes
Carone Alves Lima
Fernando César Rodrigues Brito
Marta da Rocha Moreira

DOI 10.22533/at.ed.93218021232

CAPÍTULO 33 344

TRATAMENTO PARA TRANSTORNOS ALIMENTARES: CAUSAS E DESAFIOS DO ABANDONO

Ana Paula Leme de Souza
Lívia Dayane Sousa Azevedo
Rosane Pilot Pessa

DOI 10.22533/at.ed.93218021233

CAPÍTULO 34 359

ZINCO DIETÉTICO NÃO É ASSOCIADO A ACHADOS MAMOGRAFÍCOS EM MULHERES ATENDIDAS NA ATENÇÃO BÁSICA

Leandro Teixeira Cacao
Ana Luiza de Rezende Ferreira Mendes
Helena Alves de Carvalho Sampaio
Daianne Cristina Rocha
Antônio Augusto Ferreira Carioca
Luiz Gonzaga Porto Pinheiro
Ilana Nogueira Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.93218021234

SOBRE O ORGANIZADOR..... 366

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS DO NUTRICIONISTA

Carla Rosane Paz Arruda Teo

Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Saúde, Chapecó - SC

Fátima Ferretti

Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Saúde, Chapecó - SC

Janaina Strapazzon

Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Saúde, Chapecó - SC

RESUMO: O objetivo foi desvelar as estratégias pedagógicas mais utilizadas na formação de nutricionistas para desenvolver as competências gerais das Diretrizes Curriculares Nacionais. Trata-se de estudo qualitativo do qual participaram 32 docentes nutricionistas: 26 responderam questionário semiestruturado *online* (fase 1), seis compuseram grupo focal (fase 2). Realizou-se análise de conteúdo temática, emergindo três categorias de estratégias pedagógicas: centradas no professor (aula expositiva); centradas no estudante (estudo de caso, roda de conversa, debate, dramatização, simulação, trabalhos em grupo, tecnologias digitais, aula dialógica/prática, estudo de texto);

de ampliação da sala de aula (estudo de meio, visita técnica, extensão-pesquisa, estágio). As estratégias consideradas mais bem-sucedidas no desenvolvimento das competências foram as centradas no estudante e as de ampliação da sala de aula. Ter o estudante como agente do seu aprendizado, com o docente no papel de mediador, tende a ser mais efetivo no desenvolvimento das competências.

PALAVRA-CHAVE: Educação Baseada em Competências. Educação Superior. Formação Profissional.

ABSTRACT: The objective was to unveil the pedagogical strategies most used in the training of nutritionists to develop the general competences given by the National Curricular Guidelines. It was a qualitative study involving 32 nutritionist-teachers: 26 answered a semi-structured online questionnaire (phase 1), six composed a focus group (phase 2). A thematic content analysis was carried out, with three categories of pedagogical strategies emerging: teacher-centered (lectures); student-centered (case study, discussion wheel, debate, dramatization, simulation, group work, digital technologies, dialogic/practical lecture, text study); for classroom expansion (environmental study, technical visit, extension-research, internship). The strategies considered most successful in developing the competences were

those centered on the student and those for expanding the classroom. Having the students as agent of their learning, with the teacher as mediator, tends to be more effective in developing the competences.

KEY WORDS: Competency-based Education. Higher Education. Professional Training.

1 | INTRODUÇÃO

A formação profissional em saúde, até a década de 1980, era regida pelo currículo mínimo, que apresentava as bases consideradas suficientes para a formação do profissional e para a homogeneidade entre cursos equivalentes (SOARES; AGUIAR, 2010). Este modelo de currículo, baseado nos estudos de Flexner, recebeu duras críticas, por apresentar conteúdos rígidos, teóricos e inflexíveis, não favorecendo o atendimento das demandas sociais e das novas necessidades da formação, influenciadas pelo movimento da Reforma Sanitária, que exigiam um profissional crítico e reflexivo, capaz de atuar em equipe multiprofissional, com formação humanística e social (PINHEIRO et al., 2012).

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), em 1996, estabeleceu-se a redefinição do sistema educacional brasileiro (RECINE et al., 2012). Neste contexto, foram construídas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação, iniciando-se com os cursos de Medicina, Enfermagem e Nutrição, instituídas em 2001. Estas diretrizes discorrem sobre o perfil, competências e habilidades do egresso, estabelecem conteúdos curriculares, estágios e atividades complementares, bem como orientam a organização do curso e suas avaliações (BRASIL, 2001).

As DCN têm por objetivo balizar a elaboração dos currículos e projetos pedagógicos a serem adotados pelas instituições formadoras (GONTIJO et al., 2013). A partir da publicação das DCN, intensificou-se o debate sobre a formação de profissionais voltados para o fortalecimento do SUS, capazes de prestar atendimento humanizado e integrado, aptos para trabalhar em equipe multiprofissional e preparados para práticas de promoção, proteção e recuperação da saúde (SANTOS et al., 2005).

As DCN propõem a educação baseada em competências, modelo em que o processo de aprendizagem se constrói na integração teoria-prática, favorecendo a teorização por meio da realidade, em uma dinâmica em que a prática valida o significado do conteúdo teórico e o aluno desenvolve habilidades para enfrentar situações complexas. A importância da opção pelo ensino por competências está na possibilidade de ação e na capacidade de recorrer ao que se sabe para realizar o que se deseja (CHIESA et al., 2007).

Esclarece-se que competência pode ser definida como uma capacidade de agir de forma eficaz em uma situação, mobilizando de forma sinérgica, em tempo real, recursos pertinentes, entre os quais destacam-se os saberes declarativos, procedimentais, condicionais e/ou atitudinais (PERRENOUD, 1999). Partindo do

pressuposto de que a formação por competências visa ao desenvolvimento de uma capacidade de intervenção, que passa pela leitura da realidade e pela mobilização em rede dos conhecimentos pertinentes ao enfrentamento dos problemas identificados, é preciso criar situações de aprendizagem que aproximem o estudante de situações reais (PERRENOUD, 2013).

Nesse sentido, as estratégias utilizadas pelos docentes, na sua prática pedagógica, são fundamentais para fazer emergir o profissional almejado. Cabe salientar que estratégia pedagógica se refere à aplicação dos meios e condições favoráveis com vistas à consecução dos objetivos pretendidos. Assim, estratégias pedagógicas são recursos – ou ações – utilizados pelos professores para o desenvolvimento de competências pelos estudantes. Diferentes estratégias possuem objetivos diversos e, ao selecioná-las, é necessário que professores e estudantes tenham clareza de onde se pretende chegar (ANASTASIOU; ALVES, 2006).

Considerando o perfil profissional definido pelas DCN e, ainda, sua orientação no sentido da construção de um currículo baseado em competências, pondera-se que alguns desafios precisam ser enfrentados, entre os quais surge a questão de como desenvolver as competências preconizadas para uma atuação qualificada no campo da saúde. Colocando o foco na formação de nutricionistas, propõe-se que é essencial compreender quais estratégias pedagógicas podem ser mais bem-sucedidas em termos de sua contribuição para o desenvolvimento das competências gerais pretendidas dos egressos de cursos de graduação em nutrição.

Diante disso, este estudo tem por objetivo desvelar as estratégias pedagógicas mais utilizadas por docentes no processo de formação de nutricionistas, em nível de graduação, para o desenvolvimento das competências de Atenção à Saúde, Tomada de Decisões, Comunicação, Liderança, Administração e Gerenciamento, e Educação Permanente, estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001).

2 | METODOLOGIA

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido em duas fases, entre 2016 e 2017. A primeira fase consistiu na aplicação de um questionário semiestruturado *on-line*, para coletar informações abrangentes sobre o tema pesquisado. A segunda fase teve a intenção de aprofundar a compreensão das questões que emergiram na primeira e, para isso, foi realizado grupo focal, conforme proposto por Minayo (MINAYO, 2014).

Para a primeira fase, os sujeitos foram docentes nutricionistas de cursos de graduação em nutrição de diferentes Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. A captação dos sujeitos ocorreu por meio da seleção das IES que possuíam cursos de graduação em nutrição em funcionamento no segundo semestre do ano 2016, com nota igual ou superior a três no Conceito Preliminar de Curso (CPC). O instrumento de

pesquisa, nesta fase, foi um questionário eletrônico, aplicado por meio da plataforma *Google Docs*.

Na segunda fase, os sujeitos foram docentes nutricionistas de um curso de nutrição de uma universidade do estado de Santa Catarina, o qual atendia aos critérios estabelecidos para a seleção na primeira fase da pesquisa, representando, portanto, cenário qualificado para o aprofundamento do objeto de estudo. Nesta fase, foi realizado grupo focal, aplicando-se aos dados, posteriormente, análise de conteúdo temática, conforme descrito por Minayo (MINAYO, 2014).

Foram convidados a participar, na primeira fase, 195 professores, dos quais 26 responderam ao questionário *on-line*. Na segunda fase, foram convidados sete professores nutricionistas do curso e seis aceitaram participar. Aos docentes, nas duas fases do estudo, questionou-se ‘quais práticas pedagógicas você utiliza para desenvolver as competências definidas pelas DCN do curso de nutrição?’. Das respostas, emergiram três categorias de estratégias pedagógicas – as centradas no professor, as centradas no estudante, as que ampliam o ambiente de sala de aula –, segundo as quais está organizada a apresentação e discussão dos resultados, na próxima seção.

A fim de preservar a identidade dos sujeitos que participaram do estudo, foram utilizados códigos para a apresentação das suas falas. Os sujeitos da primeira fase, que responderam ao questionário *on-line*, estão identificados com a letra Q seguida do número sequencial de devolução do questionário; os sujeitos da segunda fase, que participaram do grupo focal, estão identificados com as iniciais GF, seguidas do número atribuído a cada um no momento da realização do grupo. Foram respeitados rigorosamente todos os princípios e procedimentos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, obtendo-se aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa com parecer emitido sob o número 1.801.591.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Estratégias Pedagógicas Centradas no Professor

Estas estratégias dão ênfase às situações de sala de aula, onde o professor tem lugar de destaque e, ao estudante, cabe ouvir, memorizar e reproduzir o conteúdo, por meio de tarefas padronizadas. Em linhas gerais, enfatizam a transmissão de conceitos e a imitação de modelos (ABREU; MASETTO, 1990). Nesta categoria, destaca-se a estratégia da aula teórica expositiva, que foi citada por 19 participantes da primeira fase da pesquisa, e, segundo eles, com objetivo de desenvolver as competências de Atenção à Saúde, Tomada de Decisão, Comunicação, Liderança, Administração e Gerenciamento. O destaque aqui conferido à aula teórica, no entanto, não se justifica pelo quantitativo de citações, mas pelo que representa para esta análise.

Em sala de aula o acadêmico deve conhecer todas as possibilidades que ele poderá utilizar no futuro durante o desenvolver da sua atuação e, assim, durante os exercícios, dar a oportunidade ao aluno de escolher qual caminho deseja ou pensa ser o mais correto para resolução dos casos pode ser o início da ajuda na tomada de decisões. (Q16).

Na aula expositiva, o professor coloca-se no centro da ação, sendo que esta estratégia é, em termos quantitativos, a mais empregada nas escolas superiores. Embora não se possa afirmar que seja de todo impróprio utilizá-la, faz-se necessário observar se esta estratégia consiste na melhor escolha para alcançar os objetivos propostos nas diferentes situações de ensino-aprendizagem em que é aplicada. As críticas tecidas à aula expositiva não são à estratégia em si, mas às escolhas dos docentes ao prepararem e ministrarem suas aulas, pois esta, como qualquer outra estratégia, necessita de domínio, preparação prévia e habilidade do professor (ABREU; MASETTO, 1990). A aula expositiva emergiu, também, nas falas dos sujeitos da segunda fase do estudo:

Os estudantes ainda são muito presos à aula expositiva, esperando que a gente vá lá na frente e fale. (GF2).

Na aula expositiva, o professor trabalha um conjunto de conhecimentos historicamente produzidos e sinaliza ao estudante os temas mais relevantes para aprofundar seus estudos. Esta estratégia foi, por muito tempo, o único procedimento empregado em sala de aula, passando a sofrer críticas, contudo, por representar o ensino tradicional, que tem por princípio a transmissão do conhecimento de forma verticalizada. Porém, esta estratégia que tem o professor como protagonista, se bem planejada e articulada no contexto de ensino-aprendizagem, pode promover o desenvolvimento do estudante (BONINI-ROCHA et al., 2014).

A maior crítica está vinculada à postura passiva que se espera do estudante, que ocupa a posição de alguém que não sabe e deve somente ouvir o que lhe é dito no momento da aula expositiva (GODOY, 2002). Há de se pensar, também, a partir dessa constatação, que a autonomia dos estudantes pode ser prejudicada quando esta estratégia é assumida pelo corpo docente como única possibilidade, centrando o processo numa única pessoa, o professor. Nessa lógica, o ensino não envolve descobertas construídas conjuntamente, mas um produto final a ser transmitido, assimilado e reproduzido pelos estudantes (MITRE, 2008).

O modelo tradicional de ensino, ainda muito presente no cotidiano do ensino superior, emergiu nos relatos dos docentes, nas duas fases desta pesquisa:

[...] acaba sendo ainda muito no formato tradicional, para você dar conta de trabalhar os principais títulos que estão na ementa. (GF6).

[...] tem sido difícil ensinar nos moldes em que aprendemos, mas que a geração atual não tem proximidade ou não se interessa pelo modelo tradicional de educação. (Q4).

Corroborar-se, assim, que as estratégias tradicionais ainda são a base dos

processos de ensino em saúde. No entanto, se reconhece o esforço, por parte de IES e docentes, em torná-las mais atrativas e inovadoras, de forma a comprometer os estudantes com a própria aprendizagem. Neste contexto, estratégias ativas estão ganhando cada vez mais espaço no ensino superior. Esta discussão será apresentada a seguir.

3.2 Estratégias Pedagógicas Centradas no Estudante

Estas estratégias partem do princípio de que o professor assuma papel de mediador e o estudante participe ativamente do processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, há discussão entre as partes, com negociação de significados. Dos estudantes, em postura participativa, espera-se que evidenciem os produtos de suas atividades interpretativas, de seu aprendizado. Assim, o estudante torna-se ativo, o que lhe proporciona aprendizagens relevantes e perenes (MOREIRA, 2011). Nesta categoria, o estudo de caso surgiu como estratégia amplamente utilizada pelos docentes, citado por 18 deles e emergindo como potência para o desenvolvimento de quatro competências – Atenção à Saúde, Tomada de Decisão, Administração e Gerenciamento, e Educação Permanente:

Estudos de caso são desenvolvidos, de maneira que o aluno, a partir de um diagnóstico, proponha e implemente planos de ação. (Q1).

[...] na área da Nutrição Clínica, o estudo de caso é um modelo. (GF6).

O estudo de caso consiste em uma análise de uma situação real que deve estar incluído na vivência do estudante (ANASTASIOU; ALVES, 2006). O estudo de caso como estratégia pedagógica foi objeto de um trabalho que buscou compreender a percepção dos graduandos de enfermagem a seu respeito. Os autores perceberam que os graduandos consideram que esta estratégia promove a interdisciplinaridade e estimula a busca por novos saberes, tendo o professor como mediador do processo (SILVA; ARAÚJO; MIGUEL, 2014). Com a utilização do estudo de caso, o estudante tende a participar ativamente do processo de aprendizagem, o que favorece a adoção de uma postura crítico-reflexiva, construindo conhecimentos e experiências para a prática profissional. A possibilidade de mobilização de conhecimento proporcionada pelo estudo de caso tende a ser o motivo pelo qual os docentes o utilizam de forma mais expressiva em sala de aula.

As estratégias de roda de conversa, mesa-redonda e debate ou discussão, também mencionadas, apresentam semelhanças em sua execução no que tange ao aspecto central que as caracteriza, de estímulo ao diálogo no compartilhamento de conhecimentos. Estas estratégias foram apontadas por 15 docentes na primeira fase da pesquisa e também foram indicadas na segunda fase, sendo consideradas como potenciais promotoras do desenvolvimento das competências de Atenção à Saúde, Tomada de Decisão, Liderança e Educação Permanente.

A roda de conversa consiste em uma estratégia pedagógica em que, por meio da conversação, se problematiza a realidade. Este arranjo estimula o surgimento e o debate de opiniões divergentes, promovendo-se a conscientização e o respeito aos saberes do outro. O diálogo oportuniza o desenvolvimento de competências instrumentais e comunicativas aos discentes (MELO et al., 2016). A utilização de mesa-redonda como estratégia representa um momento de interação e troca de experiências com profissionais convidados. Assim, tem a capacidade de ser uma oportunidade de trabalhar conteúdos teóricos baseando-se na prática e experiência de um profissional (GOMES et al., 2010). Essas ponderações são ilustradas pela referência à mesa-redonda, apresentada a seguir:

Sobre este assunto é organizada uma mesa-redonda com nutricionistas do município atuantes em diferentes campos, que relatam suas vivências profissionais e suas lideranças de equipe. Há semestres em que são convidadas nutricionistas atuantes na clínica, saúde coletiva, escolas, academias. Há também encontros com nutricionistas residentes que relatam suas vivências. (GF3).

Estratégias voltadas ao diálogo e à troca de conhecimentos e experiências entre professor-estudante e estudante-estudante tendem a favorecer o desenvolvimento de competências, uma vez que partem dos saberes prévios do estudante, articulando-os à teoria:

Se a gente pensar que a aprendizagem vai se dar nessa troca de aluno e professor e entre os alunos, muitos têm coisas bacanas para contar, é um tempo riquíssimo, porque aqueles que ainda não conseguem ver a relação e os outros colegas já conseguiram... Olha quanto os alunos podem aprofundar o tema abordado na aula! (GF5).

Outra estratégia citada foi a dramatização, que pode assumir formas variadas. A dramatização exige planejamento, pois são os atores que formulam suas falas e determinam a direção da cena, devendo o professor preparar-se para mediar a transformação do que emergir da exposição em aprendizagem. A utilização da dramatização permite ao estudante mobilizar sua espontaneidade, criatividade, capacidade intelectual, afetiva e social no ato de aprender, expressando percepções e sensações a respeito da realidade, desvelando seu entendimento sobre determinado assunto, possibilitando desenvolver-se como ser humano na associação de razão e emoção (SOUZA, 2010).

Utilizo dramatização de situações hipotéticas, envolvendo a prática do Nutricionista. (Q25).

A fim de analisar a dramatização como estratégia para promover reflexão sobre o trabalho em enfermagem, foi realizado um estudo exploratório com estudantes de um curso de especialização. Foi observado que esta estratégia tem capacidade de promover expressão de sentimentos, criatividade e autoestima, fundamentais para o processo de aprendizagem. A análise desta estratégia deve ser tomada pelo educador como um momento de manifestação de sentidos grupais, principalmente pela característica dialógica da atividade (SOUZA, 2010).

O sociodrama, de forma semelhante à dramatização, consiste em uma técnica grupal utilizada em ambientes educacionais com objetivo de promover mudanças de atitudes e de princípios por meio do desenvolvimento de postura reflexiva em relação aos papéis assumidos socialmente. A produção do conhecimento, neste contexto, é possibilitada pela inversão de papéis com o outro. Destaca-se que a potencialidade do sociodrama parece residir no fato de que proporciona a realização de diagnóstico grupal, (re) planejamento de ações e construção de mecanismos de enfrentamento, por parte dos estudantes, para controle emocional das ansiedades e sofrimentos no decorrer do processo de ensino-aprendizagem (MARTINEZ; VIANA, 2012). Os participantes do presente estudo também mencionaram essa estratégia pedagógica como presente em sua prática docente, declarando

[...] realizar sociodrama para prática de reflexão. (Q9).

Na mesma direção, a simulação consiste em uma estratégia de representação da realidade que facilita a participação ativa ao integrar o aprendizado prático e teórico, oportunizando a repetição, *feedback*, avaliação e reflexão. A simulação tem sido reconhecida como estratégia exitosa no ensino em saúde, pois, além de incrementar as tecnologias de ensino-aprendizagem, ainda pode viabilizar práticas seguras de procedimentos e promoção de atitudes éticas e de responsabilidade profissional. Reforça-se que, para que esta ação pedagógica tenha êxito, é necessário o envolvimento do docente, criando no estudante uma empatia com a estratégia, a fim de maximizar a experiência e alcançar uma aprendizagem significativa (QUEIROZ; VARGAS, 2014).

Nós fizemos uma experiência em que eles não foram para a prática, mas a gente criou situações para eles desenvolverem as atividades. (GF4).

Também com o princípio da simulação da prática, o júri simulado surgiu entre os apontamentos dos participantes. É uma estratégia que permite o desenvolvimento de várias operações de pensamento, destacando-se a argumentação, defesa de ideias, tomada de decisões, entre outras. Ainda possibilita o envolvimento de um número grande de estudantes e envolve a construção do conhecimento em todos os momentos (ANASTASIOU; ALVES, 2006). Por meio de um relato de experiência com júri simulado, foi observado que os estudantes, ao elaborarem argumentos de defesa e acusação, foram provocados a desenvolver interpretação, senso crítico, expressão oral, argumentação. Esta estratégia tem potencialidade para ser utilizada em qualquer área, desde que adaptada (MARTINS; DIESEL; DIESEL, 2015).

No contexto das estratégias pedagógicas centradas no estudante, pondera-se que o uso do seminário favorece diferentes operações de pensamento, como análise, interpretação, crítica, levantamento de hipóteses, busca de suposições, obtenção e organização de dados. Além disso, contribui com o desenvolvimento da capacidade de pesquisa, produção do conhecimento, comunicação, organização e fundamentação de ideias de forma coletiva, consistindo em um espaço em que estudantes e professores

podem problematizar e transformar a própria práxis (KAC; PROENÇA; PRADO, 2011).

A esse propósito, uma pesquisa realizada em um curso de enfermagem evidenciou que a utilização de seminários contribui para a construção da autonomia do aluno, por meio do desenvolvimento de habilidades de pesquisa, comunicação e argumentação oral (KAC; PROENÇA; PRADO, 2011). Esta estratégia exige de professores e estudantes um posicionamento ativo diante dos conteúdos a serem trabalhados, aspecto a ser potencializado no processo de formação. A utilização de seminários foi relatada por nove docentes na primeira fase do estudo e emergiu, também, da fala dos docentes na segunda fase, conforme ilustrado a seguir:

[...] passa pelo próprio processo de reflexão do aluno. No seminário de sexta, a gente trabalhou a Política Nacional de Alimentação e Nutrição e alguns alunos conseguiram fazer o *link* com várias outras disciplinas. (GF4).

Motivá-los a utilizar primeiramente a sala de aula como um local importante para 'ensaiar' a forma de se expressar, na apresentação de trabalhos por exemplo; corrigi-los sempre que necessário, em particular ou no pequeno grupo, e apoiando-os em público, quando estiverem inseguros, para que 'recuperando o fôlego' ou reorganizando o pensamento, retomem a fala, como num atendimento ou numa palestra, por exemplo. (Q6).

De forma complementar, a estratégia de trabalho em grupo foi citada por oito docentes na primeira fase e indicada na segunda fase como possibilidade para desenvolver as competências de Atenção à Saúde, Administração e Gerenciamento, Educação Permanente, Comunicação e Liderança, com destaque para as duas últimas. O trabalho em grupo pode criar um ambiente rico em aprendizagens acadêmicas e sociais, para estudantes e professores, além de possibilitar o desenvolvimento de valores, como solidariedade e compartilhamento (DAMIANI, 2008).

Frequentemente são realizados trabalhos e práticas em grupo de maneira que os alunos tenham a liberdade e sintam a necessidade de trabalhar de forma autônoma. Neste sentido, acredita-se que os líderes assumem posições. Além disso, na apresentação de trabalhos e/ou em capacitações, os alunos são motivados a se envolverem nas atividades com responsabilidade e empatia. (Q1).

[...] como é um trabalho em grupo, há a possibilidade de desenvolver a liderança, a comunicação, porque eles vão ter que sair, vão ter que conversar. (GF5).

Este ponto ainda precisa ser melhor explorado nas nossas práticas pedagógicas. Quando é possível o trabalho em pequenos grupos, estimula-se os alunos a exercerem o papel de coordenador de uma atividade. (Q17).

A comunicação verbal e não verbal e a escuta são estimuladas e orientadas nos atendimentos nutricionais nas Unidades de Saúde e no Laboratório de Práticas em Nutrição Clínica da IES. Nas atividades de grupo há essa estratégia da escuta e da comunicação. (Q3).

Ao trabalharem em grupo, os estudantes têm a possibilidade de aprender juntos, pois orientam, apoiam, dão respostas, avaliam e corrigem o colega, exercendo parceria no trabalho (COLAÇO, 2004). O professor possui importante papel nesta estratégia

ao estimular a dinâmica entre seus estudantes, favorecendo o compartilhamento de ideias por meio da organização da atividade (MARTINS, 2002). Pondera-se, no entanto, que o trabalho em grupo não substitui a atividade individual, e que as duas práticas são relevantes para o desenvolvimento de diferentes competências (FULLAN; HARGREAVES, 2000).

Já o uso de tecnologias digitais como estratégia pedagógica pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade de lidar com desafios e resolver problemas inesperados. Além disso, pode contribuir na construção de conhecimentos ao tornar o processo de ensino-aprendizagem mais próximo da realidade do estudante (TORRES et al., 2017). Essas tecnologias permeiam a prática docente, visto que foram citadas cinco vezes, conforme evidencia-se no relato apresentado a seguir:

Hoje em dia, é necessário se aproximar do aluno de alguma forma. Podemos estimular os alunos, ensinar de forma mais moderna (plataformas, *WhatsApp*, *Moodle*). O ensino não pode se configurar como algo 'antigo', eles somente permitem avançar quando percebem este avanço em conjunto. (Q22).

As tecnologias digitais podem ser aliadas do estudante no desenvolvimento de sua autonomia, constituindo-se como meio eficiente de busca e rápido acesso à informação. Esta estratégia pode favorecer a comunicação e a troca de experiências entre grupos e auxiliar na resolução de problemas, contribuindo para a geração de conhecimento (VALENTE, 2014).

Outra estratégia que emergiu no processo de análise foi a aula dialógica, também denominada como aula expositiva dialogada, que se apresenta como uma proposta para superação dos métodos tradicionais de ensino. Nesta aula, há participação ativa do estudante, que terá suas observações consideradas. Já o professor possui o papel de provocar os estudantes ao questionamento, interpretação e discussão do objeto de estudo. Esta estratégia tem a capacidade de promover a superação da passividade e imobilidade intelectual dos estudantes (MINAYO, 2014).

A aula dialogada e a aula prática foram utilizadas como estratégias de ensino em uma oficina de primeiros socorros para estudantes da área da saúde. A aula expositiva dialogada teve o propósito de introduzir os estudantes aos temas, articulando-se à aula prática, desenvolvida em associação à simulação e à dramatização, como conjunto de estratégias. Os participantes, depois de finalizada a oficina, avaliaram a utilização das estratégias predominantemente como boa e ótima, devido ao seu potencial para promover reflexão, análise, elaboração e reformulação de acordo com a experiência proposta (ROSA et al., 2017).

A estratégia de estudo de texto promove mobilização, construção e elaboração de síntese. O bom planejamento desta estratégia é responsável pelo seu sucesso, desde a definição do texto (texto científico, texto oficial, texto crítico), escolha do material e acompanhamento do professor, bem como sua adequação aos objetivos de aprendizagem. Essa estratégia pode contribuir especialmente quando observadas dificuldades na habilidade de leitura dos estudantes, as quais devem se tornar objeto

de trabalho sistemático para todas as áreas de formação (ANASTASIOU; ALVES, 2006). Ademais, a estratégia pode ser considerada como centrada no estudante, pois o movimento de construir e elaborar sínteses parte dele, podendo fortalecer a construção das competências diversas, principalmente as de comunicação. No presente estudo, a articulação dessas estratégias (aula dialogada, subsidiada por estudo de texto) emergiu das falas dos participantes:

Hoje, tem se buscado muito otimizar o tempo em sala, sair daquela aula expositiva para que os estudantes tenham outras possibilidades. Porque, realmente, fora do horário está quase impossível. Então, é um exercício que cada um tem que fazer, mas eu acho que começa quando a gente incentiva que eles façam essas discussões. Fica muito latente: 'ah, não pode fora do horário', mas, então, vamos discutir, vamos trazer um artigo, na sala de aula mesmo, vamos ler um artigo e comparar com o que o *blog* diz, por exemplo. E, aí, nós vamos desenvolver aquele espírito crítico, a gente vai permitir que eles troquem ideias com os colegas. (GF5).

Em síntese, considerando as duas fases deste estudo, foram apontadas vinte estratégias pedagógicas pelos sujeitos com vistas a desenvolver a competência de Atenção à saúde. Esta competência pode ter maior ligação com a atuação, sugerindo-se que seja este o motivo de ser mais lembrada pelos docentes. As competências de Tomada de decisão, Comunicação e Liderança foram citadas 11, 11 e nove vezes, respectivamente. Estas competências remetem à mobilização dos profissionais, ao movimento de sair da passividade. Por outro lado, as competências de Administração e Gerenciamento e Educação Permanente foram citadas seis e quatro vezes, evidenciando que são objeto de menor atenção dos docentes no planejamento do processo de ensino.

3.3 Estratégias Pedagógicas que Ampliam o Ambiente da Sala de Aula

Entre os achados deste estudo, também foi observada a indicação, pelos participantes, de estratégias pedagógicas que tinham por característica principal a ampliação do ambiente da sala de aula convencional, com vistas à inserção do estudante em experiências da rotina de atuação profissional. Nesta categoria temática, foram citadas (16 vezes) as estratégias de estudo de meio e visita técnica – que proporcionam ao estudante uma observação da prática –, assim como as atividades de extensão, pesquisa e estágio (citadas 20 vezes) – que colocam o estudante em contato real com a prática profissional.

O estudo de meio possibilita aproximar os estudantes da realidade, pois consiste em um estudo direto do contexto natural e social, por meio da aplicação de conceitos e aprendizados prévios a novas situações, bem como proporcionam a criação de hipóteses e a organização de dados, possibilitando a ampliação da visão do estudante sobre os fenômenos (ANASTASIOU; ALVES, 2006). Neste contexto, o estudo de meio permite analisar o território, coletar dados que informam sobre situações-problema naquela população, identificar vulnerabilidades. Permite, ainda, escolher as ações mais adequadas e apontar estratégias e diagnósticos de saúde (SCHLEMMER; ROVEDA;

ISAIA; 2016). Partindo destes conceitos, observou-se que os sujeitos desta pesquisa se utilizam desta estratégia, conforme os seguintes relatos:

[...] eles vão para a prática, buscam uma mãe, uma criança, trabalham com os documentos da criança, a carteirinha de saúde, coletam informações desde o nascimento até os dois anos, e fazem todo um estudo de como transcorreu o desenvolvimento da criança. (GF3).

Eu acho que estas estratégias de eles saírem para a prática e observarem a realidade são super bem-vindas, por que trabalhamos o contexto, o conteúdo em sala de aula e oportunizamos a eles irem para a prática e buscarem. (GF6).

Esta estratégia permite que o estudante se torne agente entre a análise e a produção de informações e, assim, se torne capaz de entender os aspectos relacionados ao território, às práticas e aos conflitos sociais. A produção de conhecimento, neste sentido, acontece por meio da construção de um diagnóstico das condições de vida e situação de saúde dos indivíduos (MONKEN; BARCELOS, 2005). Outra estratégia que permite o contato com a prática, em articulação com a teoria, é a visita técnica, que consiste em uma atividade em que os estudantes se deslocam a uma instituição/ setor, conduzidos por um professor e acompanhados por um profissional local. Dentre as vantagens da estratégia, destaca-se a aproximação da teoria com a prática, o que facilita a apropriação do conteúdo e favorece o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva (BADARÓ et al., 2016).

Outros exemplos são os estudos de caso, as visitas técnicas, que também colaboram para o desenvolvimento das competências. (GF5).

O estágio, como estratégia pedagógica, foi citado 10 vezes neste estudo. De acordo com os professores, esta estratégia pode desenvolver as competências de Atenção à Saúde, Comunicação, Liderança, Administração e Gerenciamento, e Educação Permanente.

[...] o estágio é o momento oportuno para os estudantes colocarem em prática todas essas habilidades e competências que são contempladas ali nas diretrizes. (Q16).

O estágio tem por objetivo colocar o futuro profissional em contato com a realidade do serviço. Além disso, tem a capacidade de fomentar a integração ensino-serviço e ampliar as relações da universidade com a sociedade (ARANTES et al., 2009). Aprender praticando é uma maneira mais eficiente de aprender, pois oportuniza uma aprendizagem ativa, que permite experiências significativas e motivadoras. No estágio curricular, acredita-se que as competências são desenvolvidas, fortalecidas e ampliadas, constituindo, assim, uma maneira eficiente de construir conhecimento (BENITO et al., 2012).

A partir da análise realizada neste estudo, salienta-se a importância da escolha das estratégias a serem utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, se adequada, favorecerá a corresponsabilização de professor e estudante neste processo, contribuindo para proporcionar uma ambiência de aprendizagem mais efetiva e afetiva

(SCHLEMMER; ROVEDA; ISAIA; 2016). Pondera-se, ainda, que o desenvolvimento das competências deve nortear as escolhas das estratégias pedagógicas, com vistas a estimular a participação e o protagonismo do estudante, despertando o interesse pelas mais diversas teorias, relacionando-as à prática profissional, o que coloca o estudante como corresponsável por seu aprendizado.

4 | CONCLUSÃO

Do estudo realizado, observa-se que uma das estratégias pedagógicas mais frequentemente citada foi a aula expositiva, revelando uma prática de ensino ainda bastante tradicional. Contudo, a maioria dos participantes também evidenciou iniciativas diferenciadas, enunciando diferentes estratégias pedagógicas centradas no estudante com vistas ao desenvolvimento das competências estabelecidas pelas DCN, como estudos de caso, seminários, mesas-redondas, trabalhos em grupo, simulações, sociodramas, rodas de conversa, entre outras. Além disso, os docentes ainda elencaram estratégias que ampliam o ambiente de sala de aula, como estudo de meio, visita técnica e estágio. Ter o estudante como principal agente do seu aprendizado, de forma mais participativa, aliando a teoria com a prática, por meio de estratégias em que o docente assume o papel de mediador da construção do conhecimento, considerando os saberes prévios dos estudantes, tende a ser mais efetivo no desenvolvimento das competências e, conseqüentemente, na formação de um profissional preparado para a atenção integral em saúde.

É importante observar que o processo de ensino-aprendizagem não segue um mesmo padrão para todos os conteúdos. Assim, as estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes para estimular a aprendizagem dos estudantes devem ser diversificadas, e selecionadas de acordo com os objetivos propostos em cada situação específica. Isso significa que uma das mais relevantes atribuições docentes é a de avaliar quais estratégias serão mais adequadas para atingir os objetivos de aprendizagem pretendidos, à luz do perfil de egresso colocado como meta e das DCN, buscando garantir a formação generalista, apesar de abordar conteúdos específicos. Há de se destacar a necessidade de uma reflexão crítica sobre os processos de ensino-aprendizagem, de modo a delimitar os objetivos e como transformá-los em realidade. Para que o processo de formação do profissional nutricionista atenda ao estabelecido nas DCN, é importante que os docentes busquem a formação pedagógica para além da técnica. A formação técnica é imprescindível para o exercício da profissão, no entanto, a formação pedagógica poderá qualificar o processo de ensino-aprendizagem, ampliando as possibilidades de utilização de estratégias que promovam a formação de profissionais que tenham desenvolvido as competências orientadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. 8. ed. São Paulo: MG Ed. Associados, 1990.
- BONINI-ROCHA, A. C. et al. Satisfação, percepção de aprendizagem e desempenho em vídeo aula e aula expositiva. **Ciência e Cognição**, v. 9, n. 1, p. 47-57, 2014.
- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville: UNIVILLE, 2006.
- ARANTES, A. C. C. et al. Estágio Supervisionado: qual a sua contribuição para a formação do cirurgião-dentista de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais? **Revista APS**, v. 12, n. 2, p. 150-160, 2009.
- BADARÓ, C. S. M. et al. Realização de visita técnica na formação acadêmica em enfermagem: estudo descritivo. **OBJN**, v.15, n.1, p. 42-51, 2016.
- BENITO, G. A. V. et al. Desenvolvimento de competências gerais durante o estágio supervisionado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, n.1, p. 172-178, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Casa Civil, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em 22 jul. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 5, de 7 novembro de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Nutrição. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES05.pdf>> Acesso em 22 jul. 2018.
- CHIESA, A. M. et al. A formação de profissionais da saúde: aprendizagem significativa à luz da promoção de saúde. **Cogitare Enfermagem**, v. 12, n.2, p. 236-240, 2007.
- COLAÇO, V. F. R. Processos interacionais e a construção de conhecimento e subjetividade de crianças. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 333-340, 2004.
- DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar em Revista**, v. 31, p. 213-230, 2008.
- FULLAN, M.; HARGREAVES, A. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- GODOY, A. S. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: um estudo exploratório a partir das opiniões dos alunos do primeiro ano e do último ano de três cursos de graduação. **Administração On Line**, v. 2, p. 1-31, 2002.
- GOMES, M. P. C. et al. O uso de metodologias ativas no ensino de graduação nas ciências sociais e da saúde – avaliação dos estudantes. **Ciência e Educação**, v. 16, n.1, p. 181-198, 2010.
- GONTIJO, E. D. et al. Matriz de competências essenciais para a formação e avaliação do desempenho de estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 4, p. 526-539, 2013.
- KAC, G.; PROENÇA, R. P. C.; PRADO, S. D. A criação da área “nutrição” na Capes. **Revista de Nutrição**, v. 24, n.6, p. 905-916, 2011.

- MARTINEZ, M. R.; VIANA, E. P. A utilização do sociodrama como estratégia pedagógica na formação do enfermeiro. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 4, n. 2, p. 269-280, 2012.
- MARTINS, S. N.; DIESEL, A.; DIESEL, D. O júri simulado como estratégia de ensino nas aulas de língua portuguesa e de educação física no ensino fundamental: um relato de experiência. **Revista Educação, Cultura, Sociedade**, v. 5, n.2, p. 182-196, 2015.
- MARTINS, S. T. F. Educação científica e atividade grupal na perspectiva sócio-histórica. **Ciência e Educação**, v. 8, n. 2, p. 227-235, 2002.
- MELO, R. H. V. et al. Roda de conversa: uma articulação solidária entre ensino, serviço e comunidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 2, p. 301-309, 2016.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MITRE, S. M. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 13, Supl. 2, p. 2133-2144, 2008.
- MONKEN, M.; BARCELOS, C. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n.3, p. 898-906, 2005.
- MOREIRA, M. A. Abandono da narrativa, ensino centrado no aluno e aprender a aprender criticamente. **REMPEC**, v. 4, n. 1, p. 2-17, 2011.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PERRENOUD, P. **Desenvolver competências ou ensinar saberes? A escola que prepara para a vida**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- PINHEIRO, A. R. O. et al. Percepção de professores e estudantes em relação ao perfil de formação do nutricionista em saúde pública. **Revista de Nutrição**, v. 25, n. 5, p. 631-643, 2012.
- QUEIROZ, S. M.; VARGAS, M. A. O. Simulação clínica: uma estratégia que articula práticas de ensino e pesquisa em enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 23, n.4, p. 813-814, 2014.
- RECINE, E. et al. A formação em saúde pública nos cursos de graduação de Nutrição no Brasil. **Revista de Nutrição**, v. 25, n. 1, p. 21-33, 2012.
- ROSA, R. S. et al. Estratégias baseadas em metodologias ativas no ensino-aprendizagem de primeiros socorros: relatos de experiência. **Revista de Enfermagem**, v. 11, n.2, p. 798-803, 2017.
- SANTOS, L. A. S. et al. Projeto pedagógico do programa de graduação em Nutrição da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia: uma proposta em construção. **Revista de Nutrição**, v. 18, n. 1, p. 105-117, 2005.
- SCHLEMMER, N.; ROVEDA, P. O.; ISAIA, S. M. A. Reflexão sobre as estratégias didáticas usadas pelos docentes da educação superior. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, v. 3, n.6, p. 224-248, 2016.
- SILVA, C. R. A.; ARAÚJO, J. C.; MIGUEL, A. B. G. A. Perfil do nutricionista na docência em instituições privadas de Teresina – PI. **Revista Interdisciplinar**, v. 7, n. 3, p. 50-54, 2014.
- SOARES, N. T.; AGUIAR, A. C. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de nutrição: avanços, lacunas, ambiguidades e perspectivas. **Revista de Nutrição**, v. 23, n. 5, p. 895-905, 2010.

SOUZA, M. M. T. A dramatização como recurso pedagógico em Enfermagem. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 1, n.1, p. 1-10, 2010.

TORRES, R. A. M. et al. Tecnologias digitais e educação em enfermagem: a utilização de uma web-rádio como estratégia pedagógica. **Journal of Health Informatics**, v. 4, p. 152-156, 2017.

VALENTE, J. A. A comunicação e a educação baseada no uso de tecnologias digitais de informação e comunicação. **Revista UNIFESO – Humanas e Sociais**, v. 1, p. 141-166, 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-93-2

